

Peter Mattei David Fray



GULBENKIAN
MÚSICA

27 fev 23

27 fev 23 SEGUNDA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Peter Mattei Barítono

David Fray Piano

Franz Schubert

Winterreise / Viagem de Inverno, D. 911

Gute Nacht / Boa-noite

Die Wetterfahne / O cata-vento

Gefrorne Tränen / Lágrimas geladas

Erstarrung / Torpor

Der Lindenbaum / A tília

Wasserflut / Inundação

Auf dem Flusse / À beira do rio

Rückblick / Olhar o passado

Irrlicht / Fogo-fátuo

Rast / Repouso

Frühlingstraum / Sonho de primavera

Einsamkeit / Solidão

Die Post / O correio

Der greise Kopf / A cabeça grisalha

Die Krähe / A gralha

Letzte Hoffnung / Última esperança

Im Dorfe / Na aldeia

Der stürmische Morgen / Manhã de tempestade

Täuschung / Ilusão

Der Wegweiser / O poste indicador

Das Wirtshaus / A estalagem

Mut! / Coragem!

Die Nebensonnen / Os parélios

Der Leiermann / O tocador de realejo

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 15 min.

CONCERTO SEM INTERVALO

Franz Schubert

(Viena, 1797 – Viena, 1828)

Winterreise / Viagem de Inverno, D. 911

COMPOSIÇÃO c. 1827

DURAÇÃO c. 1h 15 min.

Franz Schubert começou a compor *Lieder* por volta dos 15 anos de idade, tendo a sua produção chegado a cerca de 600 exemplares à data da sua morte prematura, em 1828, com 31 anos. Esse género do Romantismo germânico, onde poesia e música estão intrinsecamente ligadas e onde são explorados temas como o amor (por vezes perdido, trágico ou impossível), a morte e a angústia de viver, foi, pois, incontornável na vida e obra do compositor vienense.

No início de 1827, após um período de efervescência criativa, com edições e apresentações públicas das suas obras, Schubert vivia uma fase depressiva, possivelmente causada pelo avançar da sua doença, mas começava a trabalhar sobre poemas de Wilhelm Müller (1794-1827). Dizia aos amigos que esta nova obra o “tinha afetado mais do que qualquer uma das suas canções” e que se tratava de um “ciclo de *Lieder* horríficos”. Procurava sempre poesia propícia a ser musicada e encontrou-a, primeiro em Goethe, depois em Müller, seu contemporâneo, filologista, historiador e poeta com particular interesse por Lord Byron (escreveu a sua biografia). Müller já havia fornecido os textos do ciclo anterior, *A bela moleira* (*Die schöne Müllerin*), de 1823, embora aparentemente nunca se tenham encontrado.

Schubert debruçava-se desta vez sobre a coleção intitulada *Setenta e Sete Poemas dos papéis póstumos de um viajante trompista*, que aborda o tema da viagem, tão caro ao Romantismo alemão, com um carácter melancólico, repleto de *pathos*. *Viagem de Inverno* (*Winterreise*) é um conjunto de vinte e quatro poemas sombrios retirados desta coleção, cujas palavras parecem ter sido escritas para a música de Schubert.

Através de uma deambulação por paisagens inóspitas, o sujeito poético (o *Wanderer*) faz uma viagem pelo seu coração e pela sua alma, feridos com a lembrança de um amor perdido. É um jovem homem que ao ver a sua amada casar com outro, parte para evitar memórias dolorosas e reconciliar-se de alguma forma com a sua solidão. Ao longo do percurso através do frio e da escuridão do inverno, a sua dor atenua-se com mínimas réstias de esperança, que servem apenas para o fazer regressar à mais profunda melancolia.

Winterreise é uma sucessão de quadros e imagens, um catálogo de emoções e de situações, mais do que um enredo. O protagonista conversa com o seu próprio coração e oscila entre o mundo dos sonhos e a amarga realidade que enfrenta. Faz a sua viagem errante, esperando que com ela termine também a sua existência.

As imagens ganham vida com as linhas vocais, mas sobretudo com a parte de piano. Embora relativamente austera (por vezes com poucas notas, como comentou Benjamin Britten), ilustra o texto e está cheia de estados de espírito e atmosferas.

Schubert criou grandes expectativas aos seus amigos sobre a primeira apresentação privada de *Winterreise*, como relata Joseph von Spaun. Cantou o ciclo inteiro com a voz cheia de emoção e deixou-os “absolutamente estupefactos com o tom pesaroso e melancólico das canções”. O anfitrião, Franz von Schober, após a audição, disse que só tinha gostado de uma delas, “Der Lindenbaum” (“A tília”). Schubert disse-lhe: “espera, vais aprender a apreciá-las”. Segundo Spaun, tinha razão.

A viagem começa com o piano a definir o passo do protagonista à entrada na noite, “Gute Nacht”, e a despedida da casa da amada, apenas com a companhia da sua sombra projetada pela lua. Afirma: “Estrangeiro cheguei/Estrangeiro parti”. A maioria das canções faz menção aos elementos do inverno. A neve, o frio, a tempestade (“Der stürmische Morgen”), a escuridão, o vento gelado, as flores mortas, a erva sem cor (“Erstarrung”) ou a torrente impetuosa do rio onde o viajante procura a imagem do seu coração (“Auf dem Flusse”) são metáforas de tristeza e de angústia.

Müller enriquece a viagem com observações do protagonista ao longo do caminho; o vento que brinca com o cata-vento da casa da sua amada (“Die Wetterfahne”), a aldeia (“Im Dorfe”), com os seus sons e silêncios característicos: os cães que ladram, as pessoas que sonham, os sinais

que vão indicando as localidades por onde vai passando (“Der Wegweiser”) e aquele que lhe indicará o caminho do fim. O viajante está cansado, mas parar não o consola: “Rast” (“Repouso”) é uma marcha contínua. Ele atravessa a “vida alegre e feliz” (dos outros), apenas “como uma nuvem escura atravessando o céu claro”.

Surgem lembranças de paisagens primaveris: flores de muitas cores, verdes prados, o canto alegre dos pássaros, em “Frühlingstraum”, uma verdadeira visão romântica onde recorda (em sonhos) coisas positivas, mas rapidamente voltando à realidade. Um acorde e uma figuração inusitada no piano assinalam este regresso.

O fogo e a luz, como oposição ao gelo, têm um papel importante como elementos ilusórios. O enganador fogo-fátuo de “Irrlicht”, o vão conforto das luzes dançantes de uma casa quente (“Täuschung”) ou o estranho “Die Nebensonnen”, onde o viajante é iludido por três sóis.

Inevitavelmente surgem também prenúncios de morte. O corvídeo (“Die Krähe”), que “saiu comigo da cidade/ e até hoje sem cessar/ voa à volta da minha cabeça” e as coroas funerárias em “Das Wirtshaus”.

Na perturbadora canção final, “Der Leiermann” (“O tocador de realejo”), onde sobre um bordão em quinta, com uma dissonância insistente, uma melodia se repete, o protagonista compara-se com o miserável tocador de realejo, descalço no gelo, com cães a rosnar, tocando repetidamente uma música à qual ninguém presta atenção. Será ele a sua imagem futura?

Peter Mattei

O barítono sueco Peter Mattei estudou na Real Academia de Música e na Escola de Ópera da Universidade de Estocolmo. Estreou-se nos palcos de ópera em 1990, no Teatro do Palácio de Drottningholm, onde interpretou Nardo, em *La finta giardiniera* de Mozart. No ano seguinte, estreou-se na Ópera Real Sueca, no papel de Pentheus, em *The Bacchae* de Daniel Börtz, com encenação de Ingmar Bergman. Alcançou o sucesso internacional quando interpretou Don Giovanni no Festival d'Aix-en-Provence em 1998. Desde então, trabalhou com encenadores como Peter Brook e Michael Haneke e com muitos dos principais maestros da atualidade, na Europa e nos E.U.A. Em 2000 foi nomeado “Vocalista do Ano” pela *Musical America*. Apresentou-se em prestigiados palcos como a Ópera Nacional de Paris, a Royal Opera House – Covent Garden (Londres), o Scala de Milão, a Ópera Estadual de Viena, a Ópera Estadual da Baviera, a Ópera de Zurique, a Ópera de San Francisco, a Lyric Opera de Chicago, a Ópera Real Sueca e a Ópera Norueguesa, bem como em festivais como os de Salzburgo, Verbier, Aix-en-Provence, Lucerna e Tanglewood.

Ao longo da presente temporada, Peter Mattei interpreta Rodrigo, em *Don Carlo*, e o papel principal numa nova produção de *Don Giovanni*, na Metropolitan Opera de Nova Iorque. Com o pianista David Fray, os seus compromissos incluem recitais em várias salas europeias, dedicados ao ciclo *Viagem de Inverno* de Schubert. Na temporada 2021/22, interpretou o Conde de Almaviva (*As bodas de Figaro*), sob a direção de Gustavo Dudamel, na Ópera Nacional de Paris, seguindo-se representações na Semperoper Dresden. Encarnou o papel principal em *Wozzeck*, de Alban Berg, no Palau de les Arts de Valência, retomando o personagem com que se estreou na Metropolitan Opera em 2019/20. No Festival de Verbier de 2022, interpretou de novo Don Giovanni numa produção transmitida em direto.

Peter Mattei tem atuado com regularidade na Metropolitan Opera, nos papéis de Amfortas (*Parsifal*), Wolfram (*Tannhäuser*), Figaro (*O barbeiro de Sevilha*), Conde de Almaviva (*As bodas de Figaro*), Marcello (*La bohème*), Yeletsky (*A Dama de Espadas*), Shishkov (*Da Casa dos Mortos*) e Evgeni Onegin.

David Fray

Caracterizado como um “exemplo perfeito de inteligência musical” (*Die Welt*) e aplaudido pelas interpretações de um vasto repertório, desde J. S. Bach a P. Boulez, David Fray apresenta-se como solista de concerto, em recitais a solo e em contextos de música de câmara. Sob a direção de maestros de renome como M. Alsop, S. Bychkov, A. Boreyko, C. Eschenbach, D. Gatti, P. Järvi, K. Masur, R. Muti, M. Sanderling ou Y. Nézet-Séguin, colaborou com as principais orquestras europeias, incluindo a Orquestra do Real Concertgebouw de Amsterdão, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Filarmónica de Londres, a Filarmónica de Dresden, a Orquestra do Teatro alla Scala e a Orquestra de Paris. Estreou-se nos E.U.A. em 2009, com a Orquestra de Cleveland, seguindo-se atuações com as Sinfónicas de Boston, São Francisco e Chicago e as Filarmónicas de Nova Iorque e Los Angeles. Apresentou-se em recital no Carnegie Hall e no Lincoln Center, em Nova Iorque, e toca com regularidade no Konzerthaus de Viena, no Mozarteum de Salzburgo, no Wigmore Hall de Londres e no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris. Na presente temporada dá continuidade à sua colaboração com o barítono Peter Mattei

para a interpretação do ciclo *Viagem de Inverno* de Schubert. As obras de J. S. Bach ocupam um lugar especial no repertório de David Fray. Na temporada passada, apresentou em digressão e gravou em CD as *Variações Goldberg* (Warner), incluindo um recital na Fundação Gulbenkian. Em 2021, fundou e apresentou a primeira edição de um novo festival *L'Offrande Musical*, que tem lugar anualmente na sua região nativa dos Altos Pirenéus no Sudoeste da França.

David Fray recebeu vários prémios, incluindo o *Opus Klassik Award* para “Concerto Inovador do Ano” (2020), o *Echo Klassik Prize* para “Instrumentista do Ano” e o *Young Talent Award* do Festival de Piano do Ruhr. Em 2008 foi nomeado “Revelação do Ano” pela *BBC Music Magazine*. Em 2004, no Concurso Internacional de Música de Montreal, foram-lhe atribuídos o Grande Prémio e o Prémio para a Melhor Interpretação de uma obra canadiana. David Fray começou a estudar piano aos quatro anos de idade. Consolidou a sua formação, com Jacques Rouvier, no Conservatório Nacional Superior de Paris.

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A.

Lisboa,
Fevereiro 2023

